

A Gramática Filosófica de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783)¹

The Philosophical Grammar by Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783)

Lívia de Melo*

RESUMO

A proposta deste artigo é demonstrar as ideias linguísticas e pedagógicas presentes na *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* (1783), de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (ca.1736-post.1787), a partir de uma leitura crítica desta obra e da análise de outros estudiosos que já se empenharam em estudá-la. A *Grammatica* é dividida em três partes, de acordo com as partes da oração, conforme suas funções na frase. Estas partes são subdivididas em capítulos. O autor utiliza a nomenclatura casual para descrever os termos da oração. Sua preocupação ao compor a gramática era oferecer aos leitores um material inédito que pudesse apresentar de maneira inovadora as leis que regem a língua portuguesa, pois acreditava que uma comunicação clara, precisa e sem erros somente seria possível através do conhecimento dessas leis. Atento seguidor das ideias racionalistas de *Port-Royal* e do movimento iluminista, acreditava também na existência de uma gramática universal. Embora tenha sido um grande erudito das línguas clássicas e da língua materna, teve sua obra menosprezada pelos estudiosos de sua época, não atingindo, portanto, seus ideais de proporcionar clareza na comunicação.

Palavras-chave: Gramática Portuguesa; Iluminismo Linguístico; Ideias Pedagógicas; Século XVIII; Racionalismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to demonstrate the linguistic and pedagogical ideas present in the *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* (1783), by Bernardo de Lima e Melo Bacelar (ca.1736-post.1787), leaving from a critical reading of this Grammar book and an analysis about other researchers who have already studied it. The *Grammatica* is divided into three parts, according to the parts of the grammatical sentence and their

Recebido em 4 de fevereiro de 2020.

Aceito em 24 de junho de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.366

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, liviademelo@gmail.com, orcid: 0000-0001-6834-7818

1 Trabalho realizado com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), ao abrigo do Estatuto do Bolseiro de Investigação, com a referência: UI/BD/150635/2020.

functions in the sentence. These parts are subdivided into chapters. The author uses the case nomenclature to describe the terms of the sentences. His intention was to offer to the readers an innovative material, which could present the rules of the Portuguese language by a new methodology. Bacelar believed that a clear, precise and unambiguous communication would only be possible through the knowledge of these rules. As an attentive follower of *Port-Royal's* rationalist ideas and of the Enlightenment, he also believed in the existence of an universal grammar. Although he was a great erudite of classical languages and of the Portuguese language, his job was underestimated by the scholars of his time. Unfortunately, he did not achieve his purpose of providing clarity in communication.

Keywords: Portuguese Grammar; Linguistic Enlightenment; Pedagogical Ideas; XVIII Century; Rationalism.

Introdução

A *Grammatica Philosophica e Orthographia Racional da Lingua Portugueza, para se escreverem e se pronunciarem com acerto os vocabulos deste idioma*, escrita por Bernardo de Lima e Melo Bacelar, foi editada na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira e publicada em Lisboa, no ano de 1783, com licença da Real Mesa Censória. Não há conhecimento de que tenham sido realizadas novas edições desta obra, da qual restam apenas cinco exemplares originais, que, segundo Torres (1996, p. 38-39), se encontram: (1) na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; (2) na Biblioteca Municipal do Porto; (3) na Academia das Ciências de Lisboa; (4) no Centro Linguístico da Universidade Clássica; (5) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A reprodução fac-similada em versão digital a que tivemos acesso foi feita a partir do exemplar que se encontra em Coimbra, tal como a versão impressa publicada por Torres (1996), que também necessitou consultar o exemplar da Biblioteca Municipal do Porto, devido a rasuras ou estragos que tornavam alguns trechos ilegíveis. A versão utilizada para este trabalho consta de 196 páginas e, a partir da página 113, também traz a *Orthographia Racional da Lingua Portugueza*. O presente estudo contempla apenas a *Grammatica*.

Além de menosprezada pelos críticos da época, poucos foram os estudiosos contemporâneos que se empenharam em estudar essa obra, tendo sido o Prof. Amadeu Torres (1994; 1996) o único que se propôs transcrevê-la, editá-la e analisá-la. Há também uma edição semidiplomática disponível *online*, realizada por Assunção e Fernandes (2017), pelo projeto CTLF – *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux*.

Na revisão da bibliografia especializada, foram encontradas poucas menções a essa obra e a esse autor, sendo o mais relevante para as questões aqui abordadas o artigo de Gonçalves (2006), que reflete sobre a repercussão das ideias iluministas no campo da gramaticografia portuguesa, demonstrando como Bacelar foi um dos seus precursores. Lupetti (2015) também aborda a questão das gramáticas filosóficas setecentistas, descrevendo a *Grammatica Philosophica* como uma proposta metodológica original e inovadora, que reflete muito das ideias racionalistas da Gramática de *Port-Royal*.

Neste trabalho, serão apresentados e discutidos aspectos da *Grammatica Philosophica*, tais como sua estrutura de organização, seu conteúdo e seus conceitos. O objetivo central deste artigo é descrever sistematicamente a gramática supracitada e procurar compreender como o autor expõe suas ideias linguísticas e pedagógicas através das principais correntes teóricas e filosóficas de seu tempo, das influências intelectuais que teve de seus antecessores e do legado que a sua obra deixou para os futuros gramáticos.

1. Autor e obra

Pouco se sabe sobre a biografia de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, mas provavelmente terá nascido em Chaves, região de Trás-os-Montes, por volta de 1736. Ordenou-se padre na província dos franciscanos Observantes, com o nome de Frei Bernardo de Jesus Maria, e exerceu o sacerdócio numa vila do Alentejo. Entretanto, atraído pelas correntes do Iluminismo, acabou por laicizar o seu nome em Bernardo de Lima e Melo Bacelar e, ao que tudo leva a crer, a abandonar a vida conventual.

Além da *Grammatica Philosophica* (1783), Bacelar também publicou o *Diccionario da Lingua Portugueza* (1783) e a *Arte e Diccionario do Comercio e Economia Portugueza*, no ano seguinte (1784). Posteriormente, mudou-se para a França, onde trabalhou na Biblioteca Real de Paris, traduzindo um manuscrito da Crônica de Idácio. Não se sabe se faleceu na França ou se antes terá regressado a Portugal. Sobre a biobibliografia de Bacelar, veja-se alguns textos citados neste artigo: Torres (1994, 1996, 2004); Serrão (1996) e Lupetti (2015).

2. Estrutura da *Grammatica Philosophica*

A obra é iniciada com um prólogo, onde o autor expõe a sua ideia principal ao construir a gramática. Como acreditava que os compêndios até então publicados não atingiam o propósito de solucionar o problema das falhas na comunicação, tentou propor um método novo e praticamente inédito no contexto das gramáticas portuguesas. Uma das suas preocupações era com as “equivocações” nos contratos e demandas da república², que deveriam ser comunicados com mais precisão e clareza, o que somente seria alcançável com o conhecimento das leis essenciais da gramática de uma língua:

NAÕ basta ajuntar os materiaes para a Obra Grammatical, que pretendemos construir, mas he preciso conhece-los antecedentemente com o feitio e partes desta Obra, para collocar a cada hum'a daquellas nos seus respectivos logares, e chegar esta ao fim com a sua devida proporção:

2 O conceito político de república no século XVIII não se referia a uma forma específica de governo. Era uma ideia mais ampla e abrangente à organização da comunidade como um bem comum, ou “coisa pública” (FONSECA, 2006, p. 326-7).

ou chegarmos todos, e em tudo a comunicar-nos com precisão, e clareza; pois do contrario nascem as equívocações nos contratos, mil demandas, e absurdos na Republica. Isto não se alcança pelas Grammaticas, que até o presente tem sahido, sim pela Grammatica Philosophica. (BACELAR, 1783, p. 3-4).

Posteriormente ao prólogo e ao sumário, apresenta-se um capítulo introdutório (p. 6-14) com o título de *Diffinição da Grammatica Philosophica*, onde, além da definição, o autor expõe algumas de suas ideias linguísticas, ressalta a importância do conhecimento da gramática para a comunicação, apresenta uma síntese da história da língua portuguesa citando seus principais antecessores, e um resumo do que mostrará sua obra. O texto é claro e organizado, com muitos exemplos e notas explicativas em rodapé, como se vê ao longo de toda a gramática.

O critério utilizado pelo autor para organizar a gramática é inovador, pois divide o conteúdo de acordo com as três partes da oração, conforme as suas funções na frase, utilizando a terminologia dos casos (nominativo, verbo e acusativo). As suas partes essenciais são três: (1) Som³ que representa o agente ou nominativo; (2) Som que mostra a ação ou verbo; (3) Som que faz as vezes de acionado, paciente ou acusativo. As demais partes são os adjuntos: artigo, pronome, preposição, advérbio, conjunção e interjeição. Cada uma das três partes essenciais da oração será uma parte de sua obra; essas partes são assim subdivididas em capítulos:

- (1) Primeira parte: *Da Grammatica Philosophica, ou do Agente Grammatical, que he o Nominativo* (em sete capítulos, p. 15-51);
- (2) Segunda parte: *Da Grammatica Philosophica, ou da Acção Grammatical, que he o Verbo* (em cinco capítulos, p. 52-102);
- (3) Terceira parte: *Da Grammatica Philosophica, ou do Accionado Grammatical, ou Paciente, que he o Caso do Verbo* (em três capítulos, p. 103-112).

No final de cada parte, há uma sinopse apresentando a ideia principal do que foi dito nos capítulos anteriores, também com exemplos e notas explicativas, o que mostra a preocupação do autor em fixar o conteúdo e comprovar suas ideias com exemplos de uso na prática da língua. No final da gramática, encontra-se uma sistematização de toda a obra, além de um período composto⁴, o 1º parágrafo da Carta do Padre António Vieira ao Cardeal de Lancastre

3 A denominação de som não corresponde exatamente ao som fonético; o termo é aqui utilizado com o significado de “palavra” ou “vocábulo”.

4 “Todas as sobredictas castas se incluem neste periodo, ou oração: *Eminentissimo Senhor. Com melhor saude que o anno passado, mas com menos vida (porque elle passou), beijando eu de joelhos a sagrada purpura dou a V Em as graças da continuada mercê, com que V E. por sua benignidade, e grandeza se digna de conservar na memoria, e de honrar por tantos modos este minimo creado de V. E.*” (BACELAR, 1783, p. 109-111, grifos nossos).

(TORRES, 1996, p. 21), como uma sinopse teórico-prática para o leitor identificar todas as partes da oração conforme demonstrado na gramática.

Na primeira parte *Da Grammatica Philosophica, ou do Agente Grammatical, ou Nominativo*, Bacelar (1783, p. 15) define o agente como o som, ou palavra em nominativo, que nomeia ou representa qualquer coisa que de algum modo obrar ou servir de objeto à nossa contemplação. Portanto, toda oração deve constar de um nominativo claro ou subentendido, que se põe no início da oração ou antes do verbo.

Esta parte é subdividida em sete capítulos, que apresentam a formação das palavras e sílabas a partir do alfabeto, a classificação dos substantivos, a diferenciação dos gêneros, a formação dos plurais, as declinações em casos nominativo, genitivo, dativo e acusativo, a acentuação, os adjuntos e a *accommodação*, termo usado para se referir à concordância. O sétimo e último capítulo desta parte traz uma sinopse do que foi dito nos capítulos anteriores.

Na segunda parte *Da Grammatica Philosophica, ou da Acção Grammatical, ou Verbo*, o autor define o verbo como um som que representa com afirmação a obra física, e tendo pessoas, números, tempos e modos, não se declina por casos (BACELAR, 1783, p. 52). Classifica os verbos em: ativos, passivos, neutros, recíprocos, regulares, irregulares e defectivos e afirma que não há ação ou verbo na oração sem nominativo claro ou escondido, porque não pode haver ação sem agente que a produza. Esta parte é subdividida em cinco capítulos, que mostram as conjugações simples e compostas, os acentos e adjuntos e a acomodação ou concordância. No quinto capítulo, tal como na primeira parte, encontra-se uma sinopse dos capítulos anteriores.

Na terceira e última parte *Da Grammatica Philosophica, ou do Accionado, Paciente, ou Caso da Acção*, o autor define o accionado gramatical, paciente, ou caso, como um som que representa aquilo em que se empregou a ação do agente físico, ou aquela obra, que por esta ação foi produzida (BACELAR, 1783, p. 103). No seguimento desta definição, não há oração sem acionado claro ou subentendido, pois, assim como não há oração sem ação, não pode haver ação sem acionado, ou paciente, que é representado pelo acusativo. Esta parte da gramática é subdividida em três capítulos: o primeiro trata da definição do paciente, o segundo, da acomodação do paciente à ação e dos adjuntos ao paciente, e o terceiro apresenta um resumo de toda a gramática, com uma sinopse teórico-prática.

3. Ideias linguísticas e pedagógicas

O conteúdo da *Grammatica Philosophica* é todo organizado de forma esquemática, com exemplos e explicações em notas de rodapé, o que facilita o entendimento e esclarece eventuais dúvidas durante a leitura. Segundo Torres (1996), sua inovação metodológica ao apresentar uma gramática tripartida de acordo com as funções dos componentes da frase (Agente, Ação

e Paciente) pode ter causado algum estranhamento na época, pois, de acordo com a tradição que permanecia desde a Idade Média, as gramáticas eram quadripartidas (Etimologia, Sintaxe, Ortografia e Prosódia).

Tal subdivisão da gramática em três partes concilia o critério morfológico, o semântico-ontológico e o funcional (MOURA & ASSUNÇÃO, 2013, p. 92-107), critérios estes que normalmente se encontram separados na maioria das gramáticas. De maneira inovadora, o autor dá mais ênfase às partes do discurso de acordo com a ordem canônica do português, ou seja, a estrutura oracional do tipo SVO (Sujeito – Verbo – Objeto), que na linguagem de sua gramática seriam, respectivamente: o agente ou nominativo, correspondente à primeira parte; a ação ou verbo, correspondente à segunda parte; e o acionado ou paciente, correspondente à terceira parte. Embora não tenha aprofundado diretamente na questão da ordem das palavras no discurso, fica implícita a ideia da ordenação dos componentes da frase com a organização do pensamento para transmitir a desejada clareza na comunicação (GONÇALVES, 2006, p. 12).

A gramática de Bacelar apresenta uma ideia pedagógica que parte do mais complexo para o mais simples, ou seja, do sintagma para os paradigmas fonéticos, morfológicos e semânticos. Por outro lado, também parte do concreto experienciável (a frase), para o abstrato da conceptualização (Torres, 1994, p. 464). No segundo capítulo da primeira parte, onde apresenta as letras e sílabas do português, Bacelar considera os aspetos da pronúncia e da grafia, descrevendo detalhadamente a articulação dos sons, o que revela sua intenção em tornar concreta a expressão linguística do pensamento. Sua grande preocupação ao escrever a gramática era propor um novo método que pudesse solucionar o problema dos equívocos na comunicação, que deveria ter mais precisão e clareza, com pronúncia e escrita corretas, o que somente seria alcançável através do conhecimento, não só das leis e regras do idioma, mas também do entendimento de seus verdadeiros princípios.

Bacelar regula a sintaxe pelo grego e pelo latim e não só pelo latim, como fazia a maioria dos gramáticos daquele tempo. Segundo Torres (1994, p. 463), a didática utilizada para a exposição dos nomes e dos verbos lembra a das *Ianua linguarum*, obra dos jesuítas irlandeses publicada em Salamanca, no ano de 1611, que tinha por objetivo principal facilitar o estudo das línguas clássicas através de um método indutivo para a aquisição vocabular e o ensino-aprendizagem de qualquer idioma. De acordo com esse método, as regras gramaticais poderiam ser aprendidas através da análise de várias frases, sem a necessidade de uma gramática específica (FERNANDES, 2004, p. 170).

Bacelar procurava a etimologia de qualquer palavra portuguesa, invocando as raízes greco-latinas. Produziu também um dicionário, que infelizmente foi muito criticado e chegou a ser retirado de circulação, devido ao tipo de linguagem que utilizava na definição dos termos (SERRÃO, 1996). Na verdade, Bacelar queria inserir Portugal no mundo das Luzes,

enobrecendo a língua portuguesa como um veículo atuante, mas sua obra não foi bem aceita pelos intelectuais da época, o que talvez o tenha levado a mudar-se para a França.

4. Influências

De acordo com a definição de Bussmann (2006, p. 453), a gramática filosófica é “*the attempt to develop a general model of grammar, based on logical principles and from which the structures and regularities of all languages can be derived.*” A obra de Bernardo de Lima e Melo Bacelar foi a primeira gramática vernácula apresentada como filosófica em Portugal, denominação que equivalia a pautar a gramática pela razão. Em outras palavras, Bacelar pretendia articular língua e razão, estabelecendo os princípios gerais ou universais da linguagem, como diz em seu capítulo introdutório:

Como todos os homens nascêrão para a Sociedade, a todos os homens fez nascer o Sapiëntissimo Creador com os mais necessarios sons, signaes, ou accenos, para com elles se poderem comunicar reciprocamente, e viverem em companhia. He tão clara esta verdade, que ainda nos mesmos brutos se vê em parte verificada.

Começarão os homens a traficar, e comunicar-se mais, e mais; e para este fim inventárão cópia de sons. Destes, e dos innatos derivárão outros: e determinando as leis de os collocar vierão desta sorte a ter huma perfeita *lingua de comunicação*, cujo arrazoado, ou discursado regulamento, se chama *Grammatica Philosophica*. (BACELAR, 1783, p. 7-8, grifos do autor).

Assumindo que a língua é a expressão do pensamento e que o pensamento é regulado por leis universais, deduz-se que a língua reflete essas mesmas leis e que seria possível elaborar uma gramática geral, comum a todas as línguas. No seguimento das ideias racionalistas da Gramática de *Port-Royal*, a *Grammaire Générale et Raisonnée* (GGR, 1660), de Antoine Arnauld (1612-1694) e Claude Lancelot (ca.1616-1695), Bacelar assume a existência de uma gramática universal, afirmando:

1. que os sons regulados são, o *objecto*, e *partes* da *Grammatica Philosophica*: 2. que o seu *fim* he a comunicação, que por estes sons se alcança: 3. que a sua *necessidade* he igual a da sociedade reciproca: 4. que a sua *antiguidade* he coeva a nossos primeiros pais. (BACELAR, 1783, p. 8, grifos do autor).

A GGR foi uma gramática de reflexão, que daria início a um “afastamento progressivo do modelo latino dos textos escritos com fim de aprendizagem linguística” (LUPETTI, 2015, p. 3), definindo o papel da proposição e priorizando o estudo do sentido e das relações lógicas sobre o estudo das formas. Estas ideias refletem-se na didática apresentada por Bacelar, que reafirma a importância da comunicação em todas as sociedades desde o início da humanidade, “nossos primeiros pais”.

Em sua tentativa de apresentar um modelo geral de gramática, Bacelar apresenta leis universais na definição de cada parte de sua obra, antes de apresentar as regras específicas da gramática portuguesa. Na definição de agente gramatical, por exemplo, diz que toda oração deve constar de um nominativo claro ou subentendido. Sugere, portanto, que esta seria uma lei universal, aplicável a qualquer língua, ao afirmar que toda proposição deve ter um agente, ou “qualquer coisa que de algum modo obrar ou servir de objeto à nossa contemplação” (BACELAR, 1783, p. 15).

Bacelar também acreditava que a primeira língua teria sido a Hebraica, que conforme a tradição bíblica se dividiu em várias outras na Torre de Babel. No capítulo introdutório, cita como precursores os gramáticos da língua grega: Diego Sigeo (?-post.1560), Aires Barbosa (ca.1460-1540) e André de Resende (1500-1573), e da língua portuguesa: João de Barros (1496-1570), Fernão de Oliveira (1507-1581), Nunes de Leão (ca.1530-1608), Amaro de Roboredo (ca.1580-post.1653), Madureira Feijó (1688-1741) e Contador de Argote (1676-1749).

Segundo Torres (1994, p. 464), Bacelar pode ter se baseado em Francisco Sanchez de Las Brozas (1523-1601), que em sua obra *Minerva* (1587), admite a oração ou proposição como a única coisa que o gramático pretende fazer, e que consta de três componentes essenciais. Entretanto, a nomenclatura utilizada para denominar esses três elementos não coincide com a de Las Brozas, que usa os termos *nome*, *verbo* e *partículas*, enquanto Bacelar prefere a nomenclatura dos termos da oração (*agente*, *ação* e *acionado*) e a nomenclatura casual (*nominativo*, *verbo* e *acusativo*). Além disso, apesar de ambos os autores terem optado por subdividir a gramática levando em conta os componentes da oração, nota-se que Las Brozas não levou em conta a função desses componentes na frase, como faria Bacelar, quase dois séculos mais tarde. Fernandes (2010, p. 178) demonstra que essa subdivisão de Las Brozas, baseada em princípios lógicos, considera “o nome como as entidades de tipo estático, o verbo as de tipo dinâmico, e as partículas, os laços de união entre as proposições”. Bacelar, por sua vez, considera a função do nome na oração (nominativo ou acusativo) e as partes restantes, a que Las Brozas denominara partículas, como adjuntos não essenciais:

Segue-se, que as outras 5, ou 6 partes, que os Grammaticos dão a oração, não são cousas essenciaes a ella; mas huns *Adjuntos*, que cada passo a acompanhão explicando algumas circunstancias. Se o artigo, prenome, preposição, adverbio, conjunção, e interjeição, não explicão melhor as circunstancias na oração Grammatical, que na preposição Logica, e os Logicos unicamente os põem na classe de adjuntos, ou syncathegorémas; para que os hão de pôr os Grammaticos em o numero das partes essenciaes? (BACELAR, 1783, p. 14, grifo do autor).

Por fim, a definição de gramática dada por Bacelar aproxima-se da de Reis Lobato⁵ (1770), no que diz respeito à sua preocupação com a comunicação clara e precisa, “sem erros”, para que

5 “GRAMMATICA Portugueza he a Arte, que ensina a fazer sem erros a oração portugueza. Desta deffinição se collige ser a oração Portugueza o fim das regras da Grammatica Portugueza.” (LOBATO, 1770, p. 1).

a língua e a gramática estivessem a serviço do poder público. Assim, só estariam capacitados a ocupar cargos administrativos aqueles que tivessem maior domínio das normas da língua, pois somente através desse domínio seria possível realizar uma comunicação realmente eficiente.

Conclusão

A *Grammatica Philosophica* de Bacelar tem sua importância como precursora do racionalismo e das gramáticas filosóficas e está na vanguarda do Iluminismo em Portugal. Possivelmente, seu público-alvo era a elite intelectual do país, inclusive professores de português. Não há conhecimento de que esta gramática tenha sido utilizada como manual didático nas escolas básicas, nem mesmo que era este o objetivo do autor. No entanto, nota-se a sua preocupação didática com a correção das estruturas linguísticas, não apenas apresentando regras, como também explicando o porquê dessas regras, baseando-se nas raízes greco-latinas do português e no conceito de língua como expressão do pensamento.

É notável seu elevado grau de erudição e sua preocupação em oferecer aos leitores um material que pudesse proporcionar maior conhecimento da língua portuguesa, pois acreditava que apenas através desse conhecimento, seria possível atingir precisão e clareza na comunicação. Entretanto, seu modelo de análise, apesar de inegável originalidade, pode causar confusões conceituais, uma vez que nem sempre as funções semânticas coincidem com as sintáticas. Uma observação metalinguística seria dizer que o próprio Bacelar parece não ter atingido seus propósitos de precisão e clareza na comunicação de sua obra, que acabou por ser mal interpretada, recebendo duras críticas por parte dos intelectuais da época.

Referências

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Grammaire générale et raisonnée**. Paris: Pierre le Petit, Imprimeur & Libraire ordinaire du Roy, 1660, 152 p. Reprodução fac-similada, versão digital.

ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo (Ed.). **Grammatica philosophica, e orthographia racional da lingua portugueza**: para se pronunciarem, e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma (1783) de Bernardo de Lima e Melo Bacelar. CTLF – *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux*. Lyon / Paris: École Normale Supérieure de Lyon / Université Denis Diderot (Paris 7), 2017. Disponível em: <http://ctlf.ens-lyon.fr/t_texte.asp?t=793>. Acesso em: 30 jan. 2020.

BACELAR, Bernardo de Lima e Melo. **Grammatica philosophica, e orthographia racional da lingua portugueza**: para se pronunciarem, e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1783. Reprodução fac-similada, versão digital.

BACELAR, Bernardo de Lima e Melo. **Grammatica philosophica, e orthographia racional da lingua portugueza**: reprodução fac-similada da edição de 1783, com introdução e notas de Amadeu Torres. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1996. 245 p.

BUSSMANN, Hadumod. **Routledge dictionary of language and linguistics**. Translated and edited by Gregory Trauth and Kerstin Kazzazi. London and New York: 2006. 1335 p.

FERNANDES, Gonçalo. A *Ianua Linguarum* dos Jesuítas Irlandeses (Salamanca, 1611) e a Porta de Linguas de Amaro de Roboredo (Lisboa, 1623). **Boletim de Estudos Clássicos**. Coimbra: v. 42, p. 165-181, dez. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/3lieFgX>>. Acesso em: 15. nov. 2019.

_____. As duas primeiras edições da Minerva (Lyon 1562 e Salamanca 1587) de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600). **Metamorfoses**: 25 anos do Departamento de Letras, Artes e Comunicação. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, p. 165-207, 2010.

FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito. O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das idéias políticas. **Anos 90**. Porto Alegre: v. 13, n. 23/24, p. 323-350, jan./dez. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6405>>. Acesso em: 01. fev. 2020.

GONÇALVES, Filomena. Iluminismo e pensamento linguístico em Portugal: o exemplo das gramáticas filosóficas. **Actas del VII Congrès de Lingüística General**, Barcelona, abr. 2006. Publicación electrónica. Internet. Disponível em: <<https://bit.ly/2EhwUdI>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

LOBATO, António José dos Reis. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Régia Officina Typographica, 1770, 253 p. Reprodução fac-similada, versão digital.

LUPETTI, Monica. A gramática racionalista em Portugal no século XVIII. In: DUARTE, Sónia; PONCE DE LEÓN, Rogelio. **A gramática racionalista na Península Ibérica** (séculos XVI-XIX). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2015, p. 155-171. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15417.pdf>>. Acesso em: 31. jan. 2020.

MOURA, Teresa Maria Teixeira de; ASSUNÇÃO, Carlos. Classificação do nome na tradição gramatical portuguesa na segunda metade do século XVIII. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 92-107, jun. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/31hKFlk>> Acesso em: 01. jul. 2019.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Prefácio. **Gramática filosófica da língua portuguesa de Bernardo de Lima e Melo Bacelar** (Reprodução fac-similada da edição de 1783). Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. XI-XVI, 1996.

TORRES, Amadeu. A Grammatica Philosophica de Bernardo de Lima e Melo Bacelar. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Braga: v. 50, n. 1/3, p. 459-466, 1994.

_____. Ainda a Grammatica Philosophica de Melo Bacelar. **Gramática Filosófica da Língua Portuguesa de Bernardo de Lima e Melo Bacelar** (Reprodução fac-similada da edição de 1783). Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1996, p. 15-24.

_____. O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa. In: BRITO, Ana Maria; BARROS, Clara (Orgs.). **Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa**: actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva. Porto: Universidade do Porto, p. 385-395, 2004.